ISSN: 2358-8829

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS ANOS INICIAIS: ALFABETIZANDO ATRAVÉS DE LIVROS INFANTIS

Sabrina Luiza Santos de Barros[1]
Crislaine Robeoni da Silva [2]
Alexandra Bezerra dos Santos [3]

INTRODUÇÃO

A história da literatura infantil acompanha as mudanças nas concepções sociais sobre a infância. Até o século XVII, não havia produções específicas destinadas às crianças, pois a infância ainda não era reconhecida como uma fase distinta da vida. Durante a Idade Média, essa etapa era vista de forma restrita, limitada aos primeiros anos de vida. Conforme Ariès (1981), as crianças eram vistas adultos em miniatura, assumindo responsabilidades sem que fosse considerado as particularidades próprias da idade.

Segundo Amarilha (2009), a partir do século XVII, iniciou-se a consolidação dos livros infantis, refletindo mudanças na percepção da infância. Nesse contexto, a literatura infantil passou a ser reconhecida como uma ferramenta pedagógica, afetiva e social, contribuindo para o desenvolvimento da criança. Além de proporcionar entretenimento, incorpora diferentes formas de expressão e apresenta valor formativo (Coelho, 2000).

A literatura infantil passou por transformações, e os critérios pedagógicos desempenharam um papel fundamental em sua consolidação. Nesse processo, contos, fábulas e lendas contribuíram para o estímulo à imaginação e para a ampliação do conhecimento cultural. Assim, a literatura deve ser trabalhada na escola como forma de incentivar a leitura, a escrita, a criatividade e para a formação de leitores.

Segundo Santos (2024), o Brasil perdeu quase sete milhões de leitores em quatro anos, evidenciando um cenário crítico para a formação leitora. Nesse contexto, os dados reforçam a necessidade de fortalecer o papel da literatura infantil na escola, por meio de práticas pedagógicas que estimulem o contato com a leitura desde os primeiros anos.

Diante disso, este estudo busca compreender o papel dos livros infantis no processo de alfabetização, considerando a redução do número de leitores e a importância do incentivo à leitura na escola. A pesquisa procurou responder, de que forma a literatura

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIBRA, PE, luizasabrina885@gmail.com;
[2] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIBRA, PE, crislainirobeoni@gmail.com;
[3]Mestranda do Curso de Educação da UNEATLANTICO – Espanha, profalexandrabs@gmail.com;

infantil pode contribuir para a formação escolar e para a formação de leitores nos anos iniciais? O objetivo é analisar como a linguagem verbal e não verbal dos livros infantis favorece o desenvolvimento da leitura, destacando os livros ilustrados e o uso com a literatura na escola. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, qualitativa e exploratória, desenvolvida por meio do levantamento e da análise de obras e documentos relevantes sobre o tema. A seleção do material envolveu livros e artigos científicos, com destaque para os autores Ariès (1988), Amarilha (2009), Coelho (2000), Zilberman (2006) e Soares (2020), que contribuíram para a fundamentação teórica sobre a contribuição da literatura infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender o uso do livro infantil na alfabetização nos anos iniciais, é necessário analisar a evolução histórica da infância e compreendendo suas representações. Nesse contexto, a obra *História social da criança e da família*, de Philippe Ariès (1981), apresenta uma discussão que é ponto de partida para análise. O autor afirma que, na Idade Média, as crianças eram vistas como “adultos em miniatura”.

O reconhecimento da infância era relacionado principalmente aos primeiros anos de vida, e se modificava à medida que ocorriam alterações corporais e as crianças passavam a assumir atividades e responsabilidades destinadas aos adultos. Zilberman (2006) relata que o gênero literário infantojuvenil surgiu no século XVIII, associado às mudanças sociais oriundas da “queda do feudalismo” e pela ascensão de uma “estrutura unifamiliar”, caracterizada pela valorização do afeto pelos filhos e transmissão de valores como à autoridade doméstica, ao afeto e à privacidade.

Em razão dessas mudanças, o cenário relatado por Ariès (1981) começou a se transformar. A criança da sociedade burguesa, passou a ser vista como um ser que necessita de tratamento especial, sendo associada a uma fase de fragilidade biológica e dependência, o que contribuiu para a construção da ideia de uma inocência natural a ser preservada. Entretanto, segundo Zilberman (2006), a pedagogia também assumiu o papel de preparar a criança para a realidade, por meio de sua educação.

Compreende-se, portanto, que a pedagogia se desenvolveu diante da necessidade de educar e construir metodologias educacionais voltadas às crianças, especialmente às pertencentes à burguesia. Consequentemente, a literatura infantil relaciona-se às necessidades pedagógicas de ensino e à utilização de recursos lúdicos. Com esse propósito, Zilberman (2006) destaca o papel da literatura infantil como mediadora da realidade, citando Peukert, para quem "as histórias infantis são uma espécie de teoria especulativa além da atividade imediata social e individual da criança" (Peukert apud Zilberman, 2006, p. 45).

Embora Zilberman (2006) aborde o surgimento e o desenvolvimento da literatura infantil em âmbito global, Amarilha (2009) acrescenta que suas fontes no Brasil foram diversas. Com base em critérios pedagógicos, contos populares, fábulas e lendas foram adaptados e utilizados como repertório inicial destinado ao público infantil, contribuindo para o desenvolvimento da literatura como instrumento formativo.

No âmbito educacional, Soares (2017) explica a alfabetização como um processo de "apropriação da tecnologia da escrita". As habilidades desenvolvidas durante esse processo envolvem a decodificação das palavras presentes no sistema alfabético, o domínio da ortografia e o desenvolvimento de habilidades motoras relacionadas ao uso da escrita. Segundo a autora, a alfabetização começa antes da criança ir à escola, pois, com a observação cotidiana, ela percebe a presença da escrita em diferentes contextos. Assim, a criança compreende que "escrever é transformar a fala em marcas sobre diferentes suportes, e que ler é converter essas marcas em fala" (Soares, 2017, p. 51).

O letramento, por sua vez, é definido por Soares (2020) como o conjunto de capacidades relacionadas ao uso da escrita nas práticas sociais. Esse processo envolve diferentes competências, como ler e escrever para informar, interagir, explorar o imaginário, além de interpretar e produzir diferentes tipos de textos. Dessa forma, o indivíduo desenvolve interesse e prazer pela leitura e pela escrita, utilizando-as conforme os contextos sociais em que está inserido (Soares, 2020, p. 27). Assim, Soares (2020) utiliza a metáfora do "quebra-cabeça" para explicar que a alfabetização e o letramento, embora sejam distintos, que apresentam funções específicas, se complementam.

Considerando a importância da formação do leitor, Coelho (2000) apresenta cinco fases: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico. A primeira etapa, do pré-leitor, ocorre aproximadamente dos 15 ou 17 meses aos três anos.

Nela, a criança explora o ambiente através do toque. Assim, os estímulos ao pré-leitor devem ter elementos do cotidiano, textos curtos e ilustrações, mediados pelo adulto.

O leitor iniciante, geralmente entre seis e sete anos, desenvolve o reconhecimento das sílabas simples e complexas e a decodificação dos sinais gráficos. O adulto estimula, favorecendo o contato com os livros e as habilidades de leitura e com estímulos visuais e auxiliam na compreensão do texto. Já o leitor em processo, aproximadamente entre oito e nove anos, tem maior domínio da leitura e atribui significados às palavras a partir de seus conhecimentos prévios, demonstra interesse por conteúdo específico e questiona o que não compreende. A presença do adulto ainda é importante, assim como o uso de imagens e de textos com frases simples, visando a compreensão.

O leitor fluente, geralmente entre dez e onze anos, apresenta maior domínio na leitura e capacidade de interpretação. Nessa etapa, desenvolve o pensamento crítico e estabelece relações entre o mundo fictício e a realidade social, formula interpretações e explorar novas ideias. Por fim, o leitor crítico, aproximadamente entre doze e treze anos, tem maior domínio da leitura, da escrita e da interpretação, analisa o texto e as ideias do autor. Nessa fase, questiona e compara as obras com a realidade, produz textos próprios e utiliza a leitura para refletir sobre suas experiências e ampliar conhecimentos.

As fases descritas por Coelho (2000) evidenciam a importância da atuação do professor na formação de leitores. Considerando as perspectivas dos métodos de alfabetização, o uso da literatura infantil pode ser relacionado ao método analítico, que parte de unidades significativas, como frases e textos, para posteriormente analisar suas partes, como sílabas, letras e sons. Aqui, a criança identifica o funcionamento da linguagem contextualizada, e depois as unidades menores que compõem a escrita.

Neste sentido, o método analítico permite que a criança aprenda por meio do uso contextualizado da língua e, posteriormente, se dedique à análise de suas unidades menores. A literatura infantil pode contribuir com esse processo ao apresentar histórias significativas que auxiliam na compreensão dos sentidos e das funções sociais da leitura e da escrita. Nesse contexto, destaca-se a proposta de “alfabetizar letrando”, que consiste em desenvolver a leitura e a escrita articuladas às práticas sociais de letramento. Soares (2020) ressalta que a alfabetização e o letramento envolvem diferentes dimensões da linguagem, que influenciam a maneira como a criança aprende a ler e a escrever.

Na formação do leitor, o pedagogo desempenha um papel fundamental, oferecendo o suporte necessário à aprendizagem. Contexto este que é reforçado por

Soares (2017, p. 53) sobre a importância de o professor estimular o aluno de acordo com seu nível de desenvolvimento da escrita alfabética. Amarilha (2009) acrescenta que, nos livros infantis destinados aos leitores iniciantes, as ilustrações podem constituir uma fonte de narração, auxiliando na compreensão da história, do enredo e na construção de sentidos. Dessa maneira, os livros ilustrados promovem experiências significativas durante a alfabetização, pois imagem e a palavra constituem uma unidade estética e comunicativa. Além disso, muitas obras possibilitam reflexões sobre papéis sociais, gênero, estereótipos e preconceitos, contribuindo para a compreensão da realidade.

Diante disso, a análise dos processos de alfabetização e letramento apresentados, em articulação com as fases de formação do leitor, evidenciam a importância de práticas pedagógicas que valorizem o significado e a compreensão da linguagem. Nesse sentido, o livro ilustrado é um recurso pedagógico relevante, pois integra a linguagem verbal e não verbal, favorecendo a mediação da leitura conforme as necessidades dos estudantes e contribuindo para a construção de conhecimentos e reflexões sociais e críticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de infância passou por transformações significativas. Ariès (1981) afirma que, na Idade Média, a criança era vista como um “adulto em miniatura”. O reconhecimento da infância era restrito, especialmente aos primeiros anos de vida, período marcado pela fragilidade e dependência. A partir do séc. XVIII, segundo Zilberman (2006), mudanças sociais e familiares contribuíram para que a infância fosse compreendida como uma fase que exige cuidado e educação. Logo, a literatura infantil surgiu vinculada às necessidades educativas.

Soares (2017, 2020) destaca que alfabetização e letramento são processos distintos, mas complementares. A alfabetização está voltada à apropriação do sistema de escrita, enquanto o letramento envolve o uso social da língua. Coelho (2000) apresenta as fases de formação do leitor, enquanto Amarilha (2009) destaca a importância da ilustração para a compreensão da narrativa. Logo, os livros ilustrados são recursos pedagógicos que integram texto, imagem e ludicidade, contribuindo para a formação de leitores críticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, compreende-se que a literatura infantil ultrapassa o caráter de entretenimento, constituindo um importante recurso pedagógico no processo de alfabetização. A pesquisa evidenciou que as transformações sociais e educacionais contribuíram para a valorização da criança como sujeito de direitos e para a necessidade de práticas pedagógicas sensíveis às etapas do seu desenvolvimento.

As análises demonstraram que os livros infantis ilustrados favorecem a construção de sentidos, estimulam a imaginação, ampliam a compreensão leitora e contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico. Dessa forma, o trabalho pedagógico com livros ilustrados favorece uma aprendizagem significativa e fortalece os processos de alfabetização e letramento, respeitando as etapas de desenvolvimento do leitor.

Portanto, a literatura infantil desempenha papel fundamental na alfabetização e nos anos iniciais, contribuindo para a formação de leitores críticos e reflexivos. Apesar de seu caráter bibliográfico, o estudo aponta a necessidade de futuras pesquisas de campo que investiguem as contribuições do método analítico e dos livros infantis em sala de aula, em especial, os livros ilustrados para auxiliar na aprendizagem e incentivar a leitura.

Palavras-chave: literatura infantil; livros ilustrados, alfabetização, letramento.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas**? Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

COELHO, N.N. **Literatura infantil**: teoria e análise didática. São Paulo: Moderna, 2000.

SANTOS, E. O Brasil que lê menos: pesquisa aponta perda de quase 7 milhões de leitores em 4 anos; veja raio x. **G1**. Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml Acesso em: 05 maio, 2025.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2006.